

UMA LEITURA ECOLINGUÍSTICA DE "SE EU QUISER FALAR COM DEUS" DE GILBERTO GIL

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

Abstract: The objective of this article is to show what the version of ecolinguistics known as ecosystemic linguistics has all the categories necessary for the analysis of literary texts-discourses, even if the prototypical manifestation of language in its view is the dialogue. With the help of concepts taken from Benveniste and Bakhtin we argue that even apparently “monological” texts-discourses may be looked at from a dialogical perspective. Taking Gilberto Gil’s “Se eu quiser falar com Deus”, including ecosystemic linguistics’ graphic representation we try to show how this can be done. During the production of the text-discourse, there is a dialogue between the author and his alter-ego. After completion of the text, a dialogue with the other becomes possible as, for instance, with a common reader or a critic. In the case of Gil’s text, the author presents it to an audience together with a melody attached to it. In this moment, there is the reaction of the audience, and this means that a dialogue with the other took place, no more a dialogue of the author with himself.

Key words: Ecosystemic Linguistics. Analysis of Literary Texts-Discourses. Apparent Monologue. Dialogue.

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar que a versão da ecolinguística conhecida como linguística ecossistêmica contém todas as categorias necessárias para se analisarem textos-discursos literários, mesmo diante do fato de que a manifestação prototípica da linguagem para ela seja o diálogo. Com a ajuda de conceitos de Benveniste e Bakhtin, argumentamos que até o texto “monológico” pode ser visto da perspectiva dialógica. Tomando como exemplo o texto “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil, tentamos mostrar, mediante o uso de gráficos típicos da linguística ecossistêmica, como isso pode ser representado. Durante a produção do texto, temos um diálogo do autor com um alter-ego seu. Terminado o texto, poderá haver um diálogo com o outro, quer seja ele um leitor comum ou um crítico. No caso específico do texto sob análise, o autor o apresenta cantando juntamente com a melodia que juntou a ele. Nesse momento, há a reação do público, com o que temos um diálogo com o outro, não mais do autor consigo mesmo, seu alter-ego.

Palavras-chave: Linguística Ecossistêmica. Análise de Textos-Discursos Literários. Monólogo Aparente. Diálogo.

1. Introdução

O principal objetivo deste artigo é mostrar que a versão da Ecolinguística que praticamos no Brasil, a Linguística Ecosystemática, tem o instrumental necessário para se analisarem textos aparentemente tidos como monológicos, como "Se eu quiser falar com Deus", de Gilberto Gil, reproduzido no Apêndice, a despeito do fato de ela ver o núcleo da língua nas **regras interacionais**, não nas **regras sistêmicas** ("gramática"). Aliás, estas fazem parte daquelas. Para a Linguística Ecosystemática, a língua não é instrumento de comunicação; ela é comunicação, interação comunicativa. Como aplicar uma teoria dialógica a uma manifestação linguística "monológica"? Veremos que textos-discursos "monológicos" como o de Gilberto Gil são, na realidade, resultado de um diálogo do autor com uma espécie de alter-ego. Além disso, depois de pronto, o texto pode atingir um ou mais leitores, que poderão dar algum tipo de retorno ao autor, por exemplo, resenhando-o criticamente, falando com ele pessoalmente, face a face ou por outro meio. Nesse momento, tem-se algo mais próximo do diálogo prototípico, face a face. No caso de "Se eu quiser falar com Deus", por se tratar da letra de uma música, o momento dialógico surge quando Gil canta a canção para um público que, normalmente, dá algum tipo de retorno.

É bem verdade que a Linguística Ecosystemática contém em seu interior pelos menos duas subteorias dedicadas especificamente ao estudo de textos-discursos. A primeira é intitulada Análise do Discurso Ecosystemática/Ecológica (ADE) (COUTO, COUTO, 2015). Ela visa a estudar textos-discursos enfatizando não questões políticas, relações de poder, conflitos etc. Ela reconhece tudo isso, mas prefere aproximar-se dos textos-discursos (como o que fala dos maus-tratos do homem à mulher no ambiente doméstico) da perspectiva da conciliação, da comunhão, das relações harmônicas, ao modo de Mahatma Gandhi. A segunda subdisciplina linguístico-ecosystemática é a Linguística Ambiental, proposta especificamente para analisar textos-discursos que tenham a ver com o ambientalismo (COUTO, 2019). Mas, como "Se eu quiser falar com Deus" não se enquadra em nenhum dos dois casos, vamos utilizar a disciplina abrangente Linguística Ecosystemática. A ADE também poderia se debruçar sobre esse texto-discurso, mas ela é um nicho no interior da primeira que visa a analisar preferencialmente, mas não só, textos-discursos que envolvam questões que tenham a ver diretamente com a vida, incluindo-se a morte, o sofrimento, a autorrealização (busca do próprio bem-estar, da felicidade) etc.

2. Ecolinguística e Linguística Ecosystemática

Para a Linguística Ecosystemática, o texto escrito é um construto, não a manifestação linguística prototípica. Ele representa um afastamento da manifestação preferencial da língua, a interação comunicativa (COUTO, 2017a). Porém, como essa vertente da Ecolinguística vê seu objeto holisticamente, não pode ignorar os textos e os discursos, os textos-discursos, cujo estudo talvez seja mais adequado chamar de Discursística (paralelamente a Linguística), em vez da expressão "Análise do Discurso". De qualquer forma, o que mais se aproxima da prototipicidade é o texto oral e dialógico, sendo o texto escrito um passo a mais no afastamento em relação à interação comunicativa prototípica.

Acabamos de ver que, para a Linguística Ecosystemática o núcleo da linguagem é a interlocução, o diálogo, a interação comunicativa. Interlocução pressupõe duas pessoas. Como no texto de Gil só aparece o próprio autor, a pergunta que se faz é se esse modelo teórico seria adequado para analisá-lo. Durante a produção do texto, realmente parece tratar-se de um monólogo, no caso, de Gil consigo mesmo. No entanto, como Mikhail Bakhtin e Émile Benveniste têm demonstrado, na verdade trata-se de um diálogo interiorizado, do autor com seu alter-ego. O que é mais, após terminado o texto, o autor deseja que ele seja lido pelas pessoas. Nesse caso, teremos o início de um diálogo normal ou, pelo menos, que se aproxima um pouco mais dele.

ECO-REBEL

No caso do texto de Gil, ele foi (e tem sido) apresentado, juntamente com a melodia que o acompanha, a vários públicos.

A Ecolinguística foi definida inicialmente como sendo o estudo das relações entre língua e meio ambiente. No entanto, para sua versão chamada Linguística Eossistêmica ela é o estudo da língua como interações que se dão no interior do ecossistema linguístico. Como o ecossistema biológico, o ecossistema linguístico consta de uma população/povo (P) convivendo em seu meio ou território (T) e seus membros interagindo entre si pelo modo tradicional de interagir, sua linguagem (L). Uma vez que a língua é interação, se quisermos continuar falando em seu meio ambiente, ele só pode ser o *locus* dessas interações. Esse *locus* é a população, diretamente, e o território, indiretamente, via população. Portanto, o meio ambiente da língua é formado por PT, abrangendo as três dimensões do ecossistema linguístico, ou seja, a natural, a mental e a social. Primeiramente, temos o **ecossistema integral da língua**, representado na figura 1a, no interior do qual há os outros três, 1b, 1c, 1d.

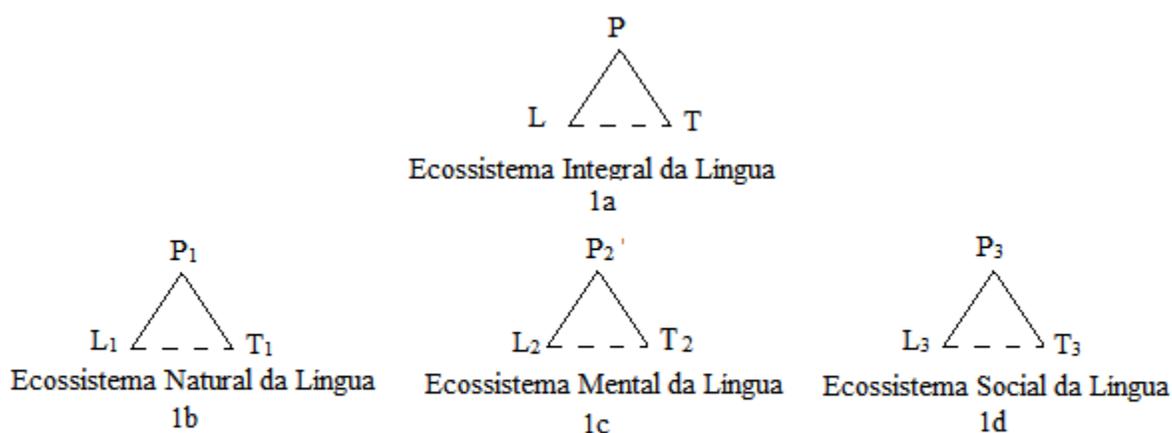


Fig 1

Os índices visam a distinguir um ecossistema do outro, ou seja, ₁ indica o que é natural, ₂ refere-se ao mental e ₃ ao social. A figura 1 mostra que, adentrado o ecossistema integral da língua (1a), primeiramente encontramos o **ecossistema natural da língua** (1b), constituído de um povo concreto (P₁), eu seu território concreto (T₁), juntamente com os aspectos fisiológicos, proxêmicos, cinésicos, gestuais etc. de suas interações, que são o lado natural da língua (L₁). Aproximando o foco (GARNER, 2004: 202), notamos que cada indivíduo da população tem um cérebro e uma mente. Cada cérebro/mente (que se assemelham uns aos outros) constitui um **ecossistema mental da língua** (1c). O cérebro (encéfalo) e a mente constituem o *locus*, o "território (T₂) das interações neurais, o lugar em que se encontram os neurônios. Os neurônios (dendritos, axônios) são os agentes das interações, os interagentes (P₂). As próprias interações são a língua como fenômeno mental (L₂). Aproximando o foco ainda mais, no caso, juntando os cérebros/mentes, notamos que a totalidade dos indivíduos da coletividade não é um todo heteróclito e desestruturado. Pelo contrário, eles são pessoas, seres sociais (P₃), com vários papéis sociais. As interações verbais que se dão entre essas pessoas constituem a língua como fenômeno social (L₃). O cenário, o lugar em que se dão as interações sociais, é a sociedade (T₃). O todo constitui o **ecossistema social da língua** (1d).

Essa apresentação está demasiadamente sucinta, mas ela visa apenas a salientar que, na verdade, há três meios ambientes da língua, ou seja, três lugares em que as interações linguísticas podem ser observadas: o natural, o mental e o social, além do ecossistema integral, que contém os três e os integra e inter-relaciona. Para uma discussão pormenorizada desse assunto, pode-se consultar Couto (2015). Na seção seguinte,

discutiremos especificamente alguns dos principais conceitos linguístico-ecossistêmicos que serão utilizados na análise de "Se eu quiser falar com Deus".

A Ecocrítica, muito bem representada em Glotfelty & Fromm (1996), é uma disciplina dedicada especificamente à relação entre textos-discursos literários e o mundo físico. Portanto, aparentemente não seria um modelo teórico para se analisar o texto-discurso em tela. No âmbito da Ecolinguística, uma das primeiras tentativas de interpretação de texto literário é Fill (2007). No entanto, ele não parte do fato de a manifestação prototípica da língua ser o diálogo. Pelo contrário, ele tenta aplicar critérios ecolinguísticos tradicionais à interpretação de um poema de D. H. Lawrence. Fill salienta que o poeta pode usar um estilo antropocêntrico ou um estilo antropomórfico. Ecolinguisticamente, segundo esse autor, seria preferível uma escrita fisio-cêntrica, que levaria a um respeito pelos animais, pelas plantas e até mesmo pela natureza inanimada. Para Fill, "Ecolinguística é o ramo das ciências da linguagem que se preocupa com o aspecto das interações, sejam elas entre duas línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes, ou entre língua e mundo, e que intervém a favor de uma diversidade das manifestações e relações para a manutenção do pequeno" (FILL, 1993, p. 4). Quer dizer, ele enfatiza as interações, mas não necessariamente no sentido da Linguística Ecossistêmica, cuja ênfase são as interações comunicativas entre membros da comunidade de fala, das perspectivas natural, mental e social. Sua posição não está errada, é ecolinguística, mas é mais limitada do que a da Linguística Ecossistêmica, que olha para seu objeto de forma holística. De modo que a proposta de Fill seria apenas uma parte dentro do amplo escopo da Linguística Ecossistêmica, que dispõe inclusive do ramo chamado de Linguística Ambiental (COUTO, 2017b).

3. Algumas categorias da Linguística Ecossistêmica

Gostaríamos de começar ressaltando que um nome alternativo para Linguística Ecossistêmica é **Ecologia Linguística**, cujo conceito central é o de **ecossistema linguístico**, assim como o conceito central da Ecologia Biológica é o de ecossistema biológico. Se o conceito central deste último são as interações que se dão em seu interior (organismo-mundo, organismo-organismo), o conceito central do primeiro é o de **interações linguísticas**, que podem ser de três tipos. O primeiro é a **interação pessoa-pessoa**, a interação comunicativa, equivalente à interação organismo-organismo da Ecologia Biológica. Essa interação se dá, prototipicamente, entre duas pessoas (p_1 , p_2) do ecossistema linguístico, que, no caso, é uma comunidade de fala (ver abaixo!). Tradicionalmente essa interação tem sido chamada comunicação.

O segundo tipo de interação reconhecido pela Linguística Ecossistêmica é a **interação pessoa-mundo**, utilizando a linguagem. Ela corresponde à interação organismo-mundo da Ecologia Biológica. Linguístico-ecossistemicamente ela é chamada de significação, mas, na tradição tem recebido outros nomes, tais como denominação, denotação, nomeação etc., dependendo da situação. É assim que nos referimos ao que está fora da linguagem, àquilo que constitui o assunto do qual falamos. Nas tradições da filosofia da linguagem e de algumas teorias semióticas, sobretudo as de filiação a Charles Sanders Peirce (cf. PEIRCE, 1972), esse processo é chamado de **referência** e, a coisa ou assunto em si, referente, embora esse termo não pareça o mais adequado: aparentemente, "referido" seria melhor. É importante ressaltar que comunicação e significação são as duas faces da moeda da linguagem: nós comunicamos uns com os outros referindo-nos ao mundo (ou a algo fora da linguagem) e normalmente nos referimos ao mundo comunicando-nos uns com os outros. Uma não existe sem a outra; elas se pressupõem mutuamente, pelo menos nas situações prototípicas, normais, o que não é o caso de "Se eu quiser falar com Deus", em que não há um interlocutor. Trata-se de um "monólogo" ou, na melhor das hipóteses, de um diálogo interior.

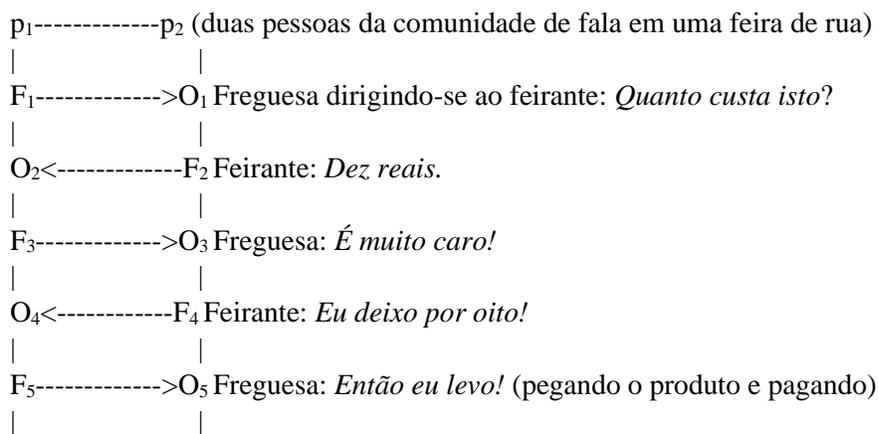
O terceiro tipo de interação é a que se dá entre os componentes do enunciado produzido pelo eu falante e dirigido a seu ouvinte. São, portanto, as interações entre fonemas na sílaba, entre morfemas na palavra, entre palavras na locução (sintagma), entre sintagmas na oração, entre orações no período e assim por diante. Trata-se, portanto, das **interações sistêmicas**, que lembram a função textual de Halliday (2014). Em suma, a língua é comunicação, interação, de qualquer ângulo que a olhemos. No caso do texto de Gil, nota-

ECO-REBEL

se que há uma ligação (estruturação) entre os versos, com destaque para a passagem da fala do autor e a reação de seu alter-ego.

A interação comunicativa se dá em um contexto específico, que recebe o nome de **ecologia da interação comunicativa**. Ela é constituída, básica e inicialmente, de pelo menos uma pessoa (p_1) que se dirige a uma outra pessoa (p_2), sendo que a situação prototípica é p_1 e p_2 serem membros do grupo de pessoas (P) que formam a coletividade do ecossistema linguístico ou **comunidade de fala** a que pertencem. Em situações não prototípicas, pode haver diálogo, ou tentativa de diálogo, entre pessoas de comunidades e línguas diferentes, mas, nesse caso, mediante algum tipo de língua franca. O nome mais adequado para essas situações é o de **tentativas de interação comunicativa**.

A interação comunicativa prototípica é a que se dá sob a forma de um **fluxo interlocucional** (diálogo), em que p_1 e p_2 se alternam nos turnos de fala, obedecendo as regras interacionais (COUTO, 2015). Esse fluxo está exemplificado na figura 2. As reticências indicam que a interação poderia ter continuidade, e provavelmente teve, com o pagamento por parte da freguesa, o agradecimento do feirante, a despedida etc. Enfim, temos ideia de como um diálogo começa, mas não sabemos que rumo ele tomará nem quando nem como terminará. Tudo depende dos objetivos de p_1 e p_2 e, de modo mais amplo, da respectiva ecologia da interação comunicativa.



.....

Fluxo Interlocucional (Diálogo)

Fig. 2

Para que a interação seja eficaz, é necessário que p_1 e p_2 entrem em **comunhão** (uma espécie de predisposição para o diálogo), vale dizer, as interações devem ser harmônicas. Sem comunhão, não haverá comunicação eficaz, prototípica. Pode até haver interação comunicativa sem comunhão, como nas altercações, nas discussões, nas brigas verbais, em que pode se dar muita agressão de uma ou de ambas partes. Se pertencerem à mesma **comunidade de língua** (domínio do sistema), se dominarem o mesmo sistema de determinada língua e, sobretudo, se pertencerem à mesma **comunidade de fala** (pequenas comunidades em que há interação diuturna entre as pessoas), entenderão muito bem as ofensas que fazem uma à outra. Tanto que, em alguns casos, isso chega às vias de fato, podendo culminar em agressão física. Felizmente, esse tipo de “interação comunicativa” é a exceção, não a regra nas interações que se dão entre as pessoas que constituem uma comunidade. A comunicação prototípica é aquela que é precedida de um estado mental de comunhão, que cria uma atmosfera de solidariedade, de predisposição para uma interação amigável. Pode haver comunhão até mesmo em silêncio total, como a sugerida por Gil em "Se eu quiser falar com Deus".

4. "Se eu quiser falar com Deus"

É bom repetir que em "Se eu quiser falar com Deus", de Gilberto Gil, só há o próprio Gil, logo, não se trataria de interlocução, de diálogo prototípico, como exemplificado na figura 2: o prefixo latino "inter" indica a posição que medeia duas outras; o elemento grego "diá" significa "através de", de um para outro. Os diálogos entre pessoas comuns da comunidade de fala se dão sempre em uma linguagem, cujas regras interacionais e regras sistêmicas elas conhecem. No caso, a linguagem seria basicamente a língua portuguesa, na variedade dominada pelo autor do texto ora analisado.

Para Benveniste, a enunciação se compõe basicamente de diálogo. Depois de falar das "duas figuras na posição de parceiros [...] alternativamente protagonistas da enunciação" que entram na "estrutura do diálogo", ele diz que também o "monólogo" "deve ser classificado [...] como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O monólogo é um diálogo interiorizado, formulado em linguagem interior, entre um eu locutor e um eu ouvinte" (BENVENISTE, 1989, p. 87). O autor acrescenta que "o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece, entretanto, presente. Sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor" (p. 88).

Quando tentamos interpretar "Se eu quiser falar com Deus" nos termos do fluxo interlocucional representado na figura 2, devemos considerá-lo como um "diálogo interiorizado" (1989, p. 87), segundo a proposta de Benveniste e, até certo ponto, do "diálogo viciado" de Bakhtin (1981: 141), como está representado na figura 3.

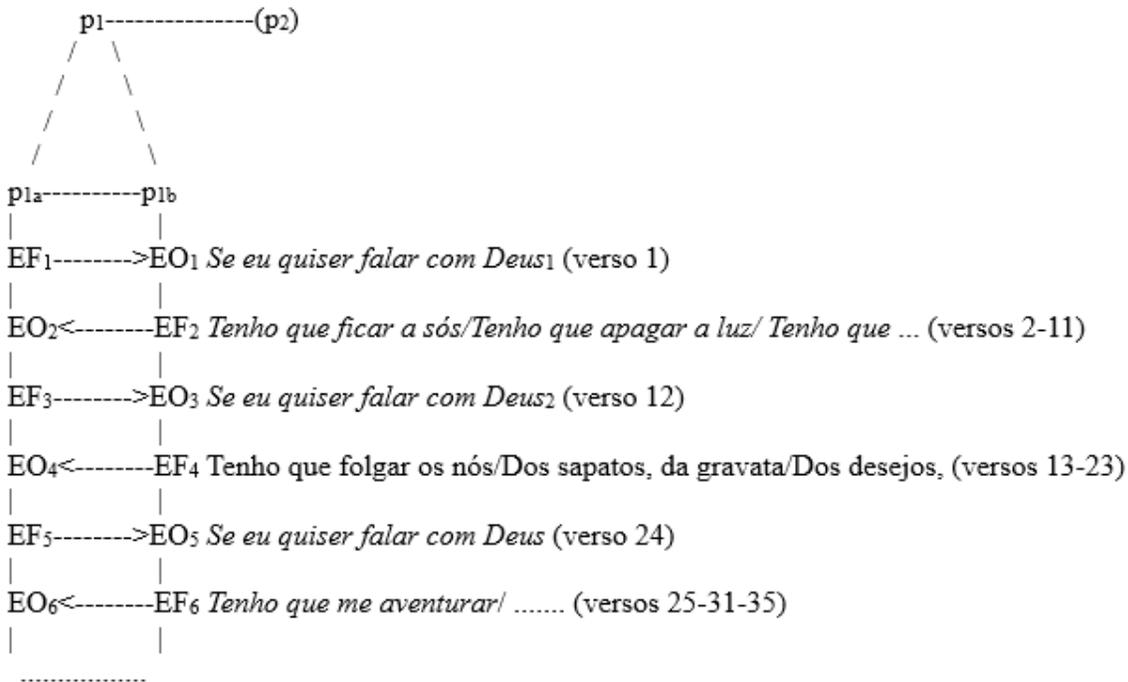


Fig. 3

(EF= eu falante; EO = eu ouvinte, alter-ego de p1, de "eu falante").

O autor do texto é um p1 que gostaria de encetar um diálogo com Deus, que seria o p2. Mas, como esse p2 não se presentifica, motivo pelo qual está entre parênteses, p1 se cinde em dois: p1a, que fará o papel de "eu falante" (EF1), e p1b, no papel de "eu ouvinte" (EO1), ainda na terminologia de Émile Benveniste. Nesse caso, p1b exerce o papel de alter-ego de p1a. De acordo com as categorias da Linguística Ecosistêmica, o primeiro enunciado de p1a, "Se eu quiser falar com Deus" (verso 1), pode ser considerado uma **solicitação**,

pois é uma manifestação de desejo por parte do autor. Ora, se é manifestação de desejo é solicitação, mesmo que apresentada sob a forma de condicional e mesmo sendo diferente de todas as solicitações já discutidas na literatura linguístico-ecossistêmica (ordem, pergunta, vocativo, exclamação etc.). Toda solicitação espera por uma satisfação ou **atendimento**. No caso, esse atendimento se deu por parte do alter-ego do falante, ou seja, p_{1b} . Ele começa por "Tenho que ..." (verso 2) e vai até o verso 11. Esses onze versos constituem a fala de p_{1b} (o almejado p_2) com p_{1a} . No papel de p_{1a} , em seguida o autor do texto repete a solicitação (verso 12), no nível 3 da interlocução, isto é, como EF_3 . O atendimento a essa segunda solicitação, ou repetição da solicitação inicial, vai do verso 13 ao 23, mais 11 versos. No verso 24, vem outra repetição da solicitação "Se eu quiser falar com Deus", já no nível 5 (EF_5), de novo seguida de uma satisfação que ocupa os 11 versos finais.

A representação da figura 3 deixa implícito que se essa sequência de falas algum dia chegar a outra pessoa que não o alter-ego de p_1 , ou seja, se ela for recebida por ou p_2 , ou p_3 , p_4 etc. este receberá o fluxo interacional completo, filtrado pelo falante, uma vez que não teve acesso aos diversos níveis do "diálogo degenerado", no primeiro sentido dado pelo *Aurélio*, isto, é aquilo que perdeu "as qualidades ou características primitivas". Esse diálogo se deu inteiramente em p_1 . Praticamente todo texto, literário ou não, está nesse caso, motivo pelo qual os linguistas ecossistêmicos reconhecem que o texto não é a manifestação mais prototípica da língua. Ele é algo derivado, filtrado pelo diálogo, pressupõe-no, como está discutido em Couto (2017a).

No caso de "Se eu quiser falar com Deus", as coisas são mais complicadas: 1) Não sabemos de que natureza é esse interlocutor que Gil gostaria de ter como p_2 ; 2) Não sabemos se ele fala nossa língua; possivelmente sim, pois é considerado onisciente. Mas, e a questão do espaço? Onde ele se encontra? Como tê-lo em uma ecologia da interação comunicativa específica? Será que é realmente necessário saber em que língua essa desejada comunicação poderia se dar? Pelo que Gil diz, não se trataria de uma interação verbal. Talvez nem mesmo de uma glossolalia, caso em que não seria necessário proferir palavras, mas apenas "falar línguas". Seria uma comunicação mental, como está sugerido na fala de EF_2 (*Tenho que ficar a sós/Tenho que apagar a luz/Tenho que calar a voz/ ...*). Teria que ficar em silêncio para se comunicar (com Deus).

É provável que por "falar com Deus" Gil tenha querido dizer entrar em comunhão com ele. Como já sugerido acima, comunhão é um tipo de comunicação, ou interação comunicativa, que pode se dar apenas mentalmente. É compartilhar um estado de espírito positivo, de generosidade, de solidariedade, de contrição, juntamente com uma satisfação com esse simples compartilhamento. Seria uma **interação comunal**. Pelo menos a criação do estado de comunhão que facultaria essa comunicação não requer palavras. Talvez toda comunicação com Deus seja desse tipo: um estado mental de comunhão. É um tipo de comunicação que transcende a comunicação linguística cotidiana.

Voltando a "Se eu quiser falar com Deus", notamos que, já no primeiro verso, Gil sugere um interlocutor, mas, indiretamente, pois pensa consigo mesmo que se quiser entrar em interação comunicativa com ele, haverá todo um conjunto de pré-condições. Uma delas é "ficar a sós", "apagar a luz", ficar na tranquilidade, dialogando consigo mesmo. Tem inclusive que ficar calado, "calar a voz". Isso reforça a tese de que a comunicação seria apenas um ato de comunhão, em silêncio, uma forma de comunicação apenas mental. Com efeito, Gil não se dirige a ninguém. Ele fala consigo mesmo, monologa, fazendo conjeturas sobre como terá que se comportar se "quiser falar com Deus".

Há toda uma série de condições a ser atendidas para que haja uma "conversa", uma ecologia da interação comunicativa, em que Gil seria F_1 e Deus seria F_2 . Mas, Gil pertence ao mundo terreno, é um ser físico, que existe num aqui e agora bastante específico. Deus pertence a outra dimensão ou até mesmo a uma indimensão, adimensão, dimensão nenhuma, como a concebemos no mundo humano e no mundo vivo em geral. Como entrar em diálogo com alguém assim? Todo o texto é uma tentativa (solicitação), mesmo que tácita, de fazer isso, pois, linguístico-ecossistemicamente, toda afirmação é resposta (atendimento) a alguma

ECO-REBEL

pergunta, mesmo que não formulada. A indagação (solicitação) "Se eu quiser falar com Deus" é repetida duas vezes, cada uma delas seguida de uma série de tentativas de atendimento.

Entre essas condições iniciais, estão "ficar a sós", "pagar a luz" e "calar a voz". É necessário "folgar os nós" tanto "dos sapatos" quanto "da gravata" a fim de "encontrar a paz". Mas, é preciso também deixar a correria, a pressa de lado, "esquecer a data". Enfim, é necessário se desvencilhar das bugigangas do consumismo capitalista, mesmo que seja necessário "perder a conta" e ficar sem nada, com as "mãos vazias" e, talvez, até sem preocupação com vestimentas da moda, ou seja, "ter a alma e o corpo nus".

Depois, vem uma primeira repetição da solicitação (verso 12), seguida de mais onze condições (versos 13 a 23) que devem ser atendidas. Deve "aceitar a dor", dar duro na vida (*comer o pão / que o diabo amassou*). Mais, precisa ser humilde (*lamber o chão*), não sonhar com pompa e riqueza (*dos palácios, dos castelos*) e, mesmo diante de motivos para tristeza "alegrar meu coração". Como discutido na ADE, a dor e o sofrimento em geral são parte da vida. Existem para que cuidemos da integridade de nosso corpo físico. Mas, no caso, é ignorá-los em nome de uma causa maior, uma comunicação comunal com Deus.

O verso 24 é a terceira e última solicitação com o objetivo de indagar por condições a ser preenchidas para se obter a desejada satisfação ou atendimento (resposta) de p₂, seguida de mais onze respostas, ou seja, outras condições (versos 25 a 30) que devem ser atendidas antes que possa haver alguma possibilidade de interação comunicativa com Deus. É necessário ter coragem (*me aventurar, subir aos céus/sem cordas pra segurar*) e ir em frente sem olhar para trás.

O grande problema é que, mesmo atendendo a todas as condições que apresentou para um desejado diálogo com Deus, no final, o autor do texto constata que esse diálogo é impossível, pois conclui que, mesmo "se caminhar / Decidido pela estrada", "[...] ao findar vai dar em nada/.../ Do que eu pensava encontrar". Vale dizer, é impossível encontrar Deus, logo, é impossível encetar um diálogo normal (com falas e réplicas) com ele. Reiteremos que o diálogo prototípico na linguística ecossistêmica é aquele em que p₁ e p₂ estão copresentes, e um frente ao outro, a uma distância de aproximadamente um metro a um metro e meio de distância, como previsto nas primeiras regras interacionais, expostas e comentadas em Couto (2015).

O que o autor encontrou após apresentar todas as exigências que deviam ser preenchidas para "falar com Deus" foi "nada". Ele deixa implícito que parece ter encontrado outras coisas, talvez muitas, menos a que desejava, o almejado interlocutor p₂, Deus.

O tamanho da decepção por não ter encontrado "nada/Do que pensava encontrar" pode ser vislumbrado no fato de a palavra "nada" constituir, só ela, os três versos anteriores ao último, além de ser a última palavra do verso anterior a esses três, o de número 31. Ao todo, a palavra "nada" aparece nove vezes. Não vamos entrar na numerologia, mas o nove é um número importante em várias culturas. No poema 42 do *Tao te ching*, de Lao Tzu, está dito que *O nada gera o um/O um gera o dois/O dois gera o três/O três gera os dez mil seres*. Vale dizer, o nove como resultado de três multiplicado por si mesmo é a origem de tudo, logo, da vida e da morte. O nada que Gil encontrou após no final da estrada leva a isso. O próprio tao tem como básico "caminho".

Nunca é demais repetir, o texto monológico não é o objeto preferencial da Linguística Ecossistêmica. Em consonância com suas bases epistemológicas, seu objeto imediato e natural é a interação comunicativa. Mas, como ela olha para seu objeto de forma holística, tampouco os textos aparentemente monológicos (BAKHTIN, 1981; BENVENISTE, 1989) são ignorados. Afinal, eles são uma das manifestações da linguagem e, como sabemos, aqueles que se intitulam ecolinguistas não podem ignorar nenhuma das multifacetadas formas pelas quais a linguagem se manifesta, ou seja, *Ecolinguista sum: linguistici nihil a me alienum puto* (eu sou ecolinguista e nada do que tem a ver com a linguagem me é estranho).

No fundo, no fundo, o que o autor procura é um sentido para a vida. Usando a metáfora da estrada da vida, sobre a qual há até mesmo uma música de Milionário & Zé Rico, o próprio Gil diz explicitamente que depois de "Dar as costas, caminhar / Decidido, pela estrada" não encontrou nada do "que pensava encontrar". Na verdade, a "estrada da vida" não tem o final que as pessoas desejariam que tivesse. O final

ECO-REBEL

da estrada da vida é a morte. No entanto, ecologicamente, a morte de um ser dá lugar ao nascimento de diversos outros seres que darão continuidade ao ciclo vida-morte-vida, como se pode ver no taoísmo (LAO TZU, 2006) e como está discutido por Morin (2001: 438-441).

É o que acontece com qualquer pessoa que for procurar pelo sentido da vida. No final, não vai encontrar nada. Carlos Drummond de Andrade diz no poema "O lutador" que

*Lutar com palavras
é a luta mais vã
entanto lutamos,
mal rompe a manhã.*

No caso, o texto "Se eu quiser falar com Deus" mostra que a procura pelo sentido da vida, chegando ao final com uma resposta clara, convincente e definitiva à pergunta "Por que estou aqui?" é uma procura inglória, vã. Viver é a própria procura, é o percorrer a estrada, mesmo que isso pareça um chavão, e o texto de Gil deixa isso implícito de ponta a ponta. Chegar ao final da estrada é chegar ao nada, que pode ser o recomeço de tudo. Se a estrada é a vida, seu final é a morte, que pode levar ao recomeço da vida. Tudo isso é parte da visão ecológica de mundo, que inclui a sucessão ecológica, basicamente de natureza cíclica.

Uma conclusão geral inevitável é a de que a língua é interação, seja lá como for que a olhemos. Até mesmo o produto da interação (texto) traz a marca da interação, além de ser ele próprio interação, no caso, sob a forma de diálogo interiorizado. Mas, mesmo os componentes do texto estão em interação uns com os outros, como vimos como se pode ver em Bakhtin. Pensar a língua como sistema foi um problema inevitável ao longo da história. Foi essa postura que fez nascerem os estudos linguísticos. Agora, porém, sobretudo após o advento da Teoria da Relatividade, da Mecânica Quântica, dos sistemas complexos, da Teoria do Caos e da Ecologia, não podemos continuar encarando-a dessa perspectiva. Ela é interação, e o "sistema" é parte dessa interação.

No caso, "Se eu quiser falar com Deus" é letra de uma música cantada por Gilberto Gil. Na verdade, cada vez que ele a apresenta perante uma plateia sai do "monólogo" do momento de produção do texto e entra em diálogo com ela. Nesse caso a plateia é um p_3 , pois, o p_2 seria o interlocutor inicial desejado, mas fisicamente inatingível (Deus). Para entender isso, vamos retomar na figura 4 a parte da figura 3 em que o "eu falante" (EF) e o "eu ouvinte" (EO) de Gil se recompõem no próprio Gil.

5. Discussão

Vimos que nos termos de Bakhtin e Benveniste apresentados acima, todo texto-discurso consiste em um diálogo entre o autor (p_{1a}) e seu alter-ego (p_{1b}). Ora, como a interação comunicativa prototípica pressupõe duas pessoas (p_1 , p_2), o diálogo interiorizado infringe esse modelo. No entanto, é importante observar que só se pode falar em diálogo interiorizado, viciado, degenerado durante o processo de produção. Afinal, em situações quotidianas da vida ninguém pratica solilóquios por si mesmos. Como o p_2 (Deus) não se presentifica, e como se trata de uma obra de arte que visa atingir vários públicos, depois de terminado o diálogo interior, ou seja, a etapa de produção do texto, o autor visa atingi-los, no caso, como p_3 , p_4 assim sucessivamente. Vale dizer, o autor pretende atingir o máximo possível de públicos (p_3 , p_4 , ..., p_n), não apenas um. Esse fim último do autor está representado na figura 4, em que G é Gil, ou autor, e A é a audiência, o público-plateia em uma apresentação do texto-discurso, agora acompanhado de melodia.

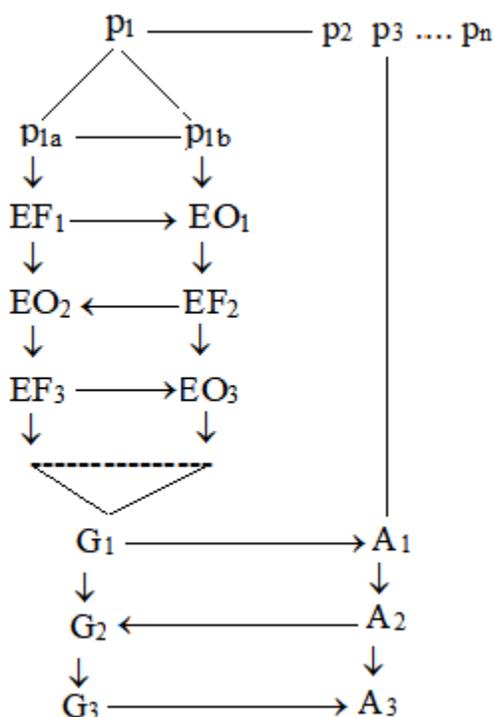


Fig. 4

A figura 4 mostra três níveis do diálogo interiorizado do autor, diálogo que certamente pode ter tido mais turnos. A certa altura, após pôr fim a esse "diálogo", ou seja, à produção de seu texto como EF₃, o autor se recompõe com seu alter-ego e passa a falar em nome de suas duas partes, agora como o autor-cantor Gilberto (G) e seu "interlocutor", composto pela totalidade das pessoas do auditório (A). O diálogo se inicia com o autor (G₁) cantando a "música" para esse público, ou audiência (A₁). Não se trata mais de diálogo interiorizado, mas de interação entre Gil (G) e sua audiência (A), com os níveis de "fala", os turnos constando de pelo menos três níveis.

A plateia (A) funciona como p₃, como se vê no nível G₁ → A₁. Aliás, houve mais de uma apresentação. Na que nós ouvimos, houve uma reação entusiástica do auditório, mediante aplausos, assobios e gritos de "bravo!". Isso está representado no nível dois da interação: G₂ ← A₂. Por fim, há o agradecimento de Gil, no nível 3, ou seja, G₃ → A₃. Em cada apresentação temos um público (p_x). Nas diversas outras, seria para p₄, p₅ e assim sucessivamente. Como mostra p_n, o número de públicos para os quais a "música" pode ser/será apresentada fica em aberto.

Em suma, o diálogo interior se dá inteiramente no ecossistema mental. O "diálogo" com Deus também, se é que se pode dizer que há diálogo. Diálogo completo, abrangendo o ecossistema natural e o social se dá só quando o texto-discurso atinge algum público. No caso apenas do texto escrito, pode acontecer o que nós estamos fazendo agora, ou seja, lendo-o e analisando-o. Mas, textos como o de Gil são feitos para ser cantados perante uma plateia. Só nesse momento se completa o ciclo do fluxo da interação entre autor e ouvinte(s). Nesse momento, Gil leva ao seu auditório o diálogo que travou consigo mesmo durante a produção do texto. Leva-o entrelaçado com uma bela melodia.

No que se refere especificamente à performance do autor ao apresentar a canção para seu público, nota-se que ele faz uso de uma instrumentação bastante simples, com apenas violão, não guitarra elétrica, e um acompanhamento de bateria bem suave ao fundo. A inflexão da voz também tem um papel na interação. Assim, há uma pequena pausa entre cada verso que funciona como solicitação e os que representam o atendimento (resposta) a essa solicitação. Além disso, há outros recursos, como a elevação da voz quando

o cantor diz que "Tenho que subir aos céus", no verso número 26: ele eleva consideravelmente a voz, simulando a subida, e pronuncia a palavra "ceeeuus" alongadamente. Mas, isso seria objeto para um outro tipo de análise desta bela peça cantada por Gilberto Gil.

6. Outros gêneros textuais

O que foi dito sobre "Se eu quiser falar com Deus" em princípio se aplicaria a qualquer outro tipo de texto. A produção de todos eles consistiria de um diálogo do escritor consigo mesmo, melhor, com seu alter-ego, segundo o "diálogo interiorizado" de Benveniste. Isso acontece mesmo onde fica difícil encontrar no texto marcas que se identifiquem como solicitação e atendimento. No entanto, Mikhail Bakhtin vê dialogicidade na divisão do texto em parágrafos. De acordo com ele, "penetrando fundo na essência dos parágrafos, convencer-nos-emos de que, em certos aspectos essenciais, eles são análogos a réplicas de um diálogo". Continua o autor: "Trata-se, de qualquer forma, de diálogos viciados trabalhados no corpo de uma enunciação monológica". Ainda de acordo com Bakhtin, "na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, encontra-se o ajustamento às reações previstas do ouvinte ou do leitor" (grifos do autor). Esse "reajustamento às reações previstas do ouvinte ou leitor" é um tipo de interação com ele, ou seja, um diálogo com ele, mesmo que colocando seu alter-ego (p_{1b}) no lugar dele. Tanto assim que "os tipos clássicos de parágrafo são: pergunta e resposta (o autor faz as perguntas e dá as respostas)". Além disso, há "suplementação", "antecipação de possíveis objeções", "exposição de aparentes incoerências" etc. (BAKHTIN, 1981: 141). Tudo isso implica, direta ou indiretamente, a alternância solicitação-atendimento da interação comunicativa (diálogo).

Como se vê, o "diálogo interiorizado", "degenerado" ou "viciado" é um simulacro do verdadeiro diálogo entre duas pessoas, o diálogo prototípico. Por isso, Bakhtin acrescenta na nota de rodapé número 3, da mesma página 141, que a estruturação do texto-discurso em parágrafos é "uma forma de divisão que leva decisivamente em conta o destinatário e sua ativa compreensão".

Não cabe aqui dar exemplos desses fatos em diversos gêneros textuais, tais como peça teatral, romance, poema, ensaio científico, ensaio filosófico, silogismo etc. A peça teatral não apresentaria grandes problemas, uma vez que ela geralmente se estrutura sob a forma de diálogo, portanto, seria um exemplo de texto que se aproximaria da prototipicidade. No caso do romance, da novela ou do conto, as observações de Bakhtin recém-vistas se aplicariam. O poema está exemplificado no texto de Gilberto Gil, objeto do presente ensaio. Os textos filosóficos e científicos, frequentemente consistem na apresentação de uma hipótese ou tese, que, linguístico-ecossistemicamente, seria uma pergunta. Em seguida, viriam diversos parágrafos argumentativos, que se enquadrariam no que disse Bakhtin, ou seja, respostas a essa pergunta. Esses parágrafos defenderiam a tese ou comprovariam/refutariam a hipótese formulada no nível 2 do diálogo interiorizado. Vale dizer, seriam réplicas por parte do alter-ego do autor.

Por fim, temos o silogismo, um dos "gêneros" textuais mais abstratos. Segundo os filósofos e lógicos, ele não teria nada a ver com o mundo extralinguístico; ele constaria apenas de relações lógicas. Vejamos na figura 4 como o conhecido silogismo "Todo homem é mortal; Sócrates é homem; logo, Sócrates é mortal" poderia ser analisado da presente perspectiva.

ECO-REBEL

- COUTO, Hildo Honório do. *O tao da linguagem*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem* (ECO-REBEL), v. 1, n. 1, 2015, p. 36-62.
<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836>
- _____. Notas sobre o conceito de texto na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem* (ECO-REBEL) v. 3, n. 2, 2017a. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/erbel/article/view/9677/8545> (27/11/2018)
<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/26588> (acesso: 23/09/2018).
- _____. Linguística ambiental. 2017b. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem* (ECO-REBEL) v. 5, n. 1, 2019, p. 960112. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22809/20553> (acesso: 04/05/2019).
- _____; Couto, Elza K. N. N. do; Borges, Lorena. 2012. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes.
- _____. 2015. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem* (ECO-REBEL) v. 1, n. 1, p. 81-104. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801> (acesso: 04/05/2019).
- COUTO, Elza K. N. N. do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FILL, Alwin. *Ökologinistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.
- _____. "The big mountains sit still..." Ökologische Interpretation von Gedichten: D. H. Lawrence. In: FILL, Alwin & Hermine PENZ (orgs.). *Sustaining language: Essays in applied linguistics*. Viena: LIT Verlag, 2007, p. 203-214.
- Glotfelty, Cheryl; Fromm, Harold (orgs.). *The ecocriticism reader*. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 1996.
- Halliday, Michael M. *Halliday's introduction to functional grammar*. Londres: Routledge, 2014.
- Lao Tzu. *Tao te ching*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- Maas, Utz. 1973. Sprachliches Handeln: Auffordern, Fragen, Behaupten. In: *Funk-Kolleg Sprache*. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, p. 144-157.
- Martin, James R. Positive discourse analysis: solidarity and change. *Revista canaria de estudios ingleses* n. 49, 2004, p. 179-200.
- _____. Vernacular deconstruction: undermining spin. *DELTA* v. 22, n. 1, 2006, p. 177-203.
- Morin, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Naess, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary. *Inquiry* 16, 1973, p. 95-100.
- Peirce, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- Strongoli, Maria Thereza Q. G. 2014. Revisitando a metáfora sob a luz dos regimes do imaginário. In: Couto, Elza; Dunck-Cintra, Ema; Borges, Lorena (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáforas*. Brasília: Thesaurus, p. 65-82.
- _____; Couto, Elza Kioko N. N. Religião: entre a sociedade e o imaginário. *Saeculum - revista de história* n. 30, 2014, p. 249-267.

Aceito em 05/06/2019.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 5, N. 2, 2019.

ECO-REBEL

APÊNDICE

Se eu quiser falar com Deus – Gilberto Gil

- 1 “Se eu quiser falar com Deus
- 2 Tenho que ficar a sós
- 3 Tenho que apagar a luz
- 4 Tenho que calar a voz”
- 4 “Tenho que encontrar a paz
- 5 Tenho que folgar os nós
- 6 Dos sapatos, da gravata
- 7 Dos desejos, dos receios”
- 8 “Tenho que esquecer a data
- 9 Tenho que perder a conta
- 10 Tenho que ter mãos vazias
- 11 Ter a alma e o corpo nus”
- 12 “Se eu quiser falar com Deus
- 13 Tenho que aceitar a dor
- 14 Tenho que comer o pão
- 15 Que o diabo amassou”
- 16 “Tenho que virar um cão
- 17 Tenho que lambar o chão
- 18 Dos palácios, dos castelos
- 19 Suntuosos do meu sonho
- 20 Tenho que me ver tristonho
- 21 Tenho que me achar medonho
- 22 E apesar de um mal tamanho
- 23 Alegria meu coração”
- 24 “Se eu quiser falar com Deus
- 25 Tenho que me aventurar
- 26 Tenho que subir aos CÉEEUUS
- 27 Sem cordas pra segurar”
- 28 “Tenho que dizer adeus
- 29 Dar as costas, caminhar
- 30 Decidido, pela estrada
- 31 Que ao findar vai dar em nada
- 32 Nada, nada, nada, nada
- 33 Nada, nada, nada, nada
- 34 Nada, nada, nada, nada
- 35 Do que eu pensava encontrar”.